

O TECER DOS FIOS COMUNICATIVOS: UM CONVITE À REFLEXÃO DAS MÍDIAS SOB AS PERSPECTIVAS DE WOLTON

Data de submissão: 24/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Francisca Oleniva Bezerra da Silva

Doutora em Ciências da Educação, Psicopedagoga, formação em Letras e Pedagogia. Professora da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar – AM.

Joneide do Nascimento Gomes

Graduada em Letras/Inglês e Pedagogia, pós-graduada em Libras.

“OS HOMENS COMUNICAM, AS TÉCNICAS TRANSMITEM”

Este ensaio emerge em face de inquietações surgidas a partir da leitura e discussões sobre “Internet, e depois? Uma teoria Crítica das Novas Mídias”, e “Informar não é comunicar”, obras do autor Dominique Wolton que abordam tópicos relacionados à informação e à comunicação vinculadas às mídias. O autor é referência internacional na área de mídia, é pesquisador do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França, entidade pública sediada em Paris, com mais de 10 mil acadêmicos, tem 16 livros

publicados sobre comunicação, dentre outras pesquisas.

As pesquisas de Wolton têm por finalidade estudar a comunicação interdisciplinar em relação aos indivíduos, técnicas, culturas, sociedades. Escreveu extensivamente sobre mídia, comunicação, televisão, rádio, *internet*, ele examina as consequências políticas e culturais da globalização da informação e comunicação. Para ele, informação e comunicação constituem relevantes questões políticas do Século XXI em uma exigência de coabitação cultural como uma condição para a construção da globalização.

Trazemos alguns posicionamentos em relação às formas de pensar as mídias articuladas às ideias de Wolton e, ainda intentamos reflexões sobre a relação entre a importância da compreensão do estatuto da comunicação e sua contribuição para pensar as mídias na contemporaneidade direcionadas ao contexto educacional.

Wolton nos leva a refletir sobre consideradas discrepâncias entre informar e comunicar e, assevera que não existe

comunicação sem informação, o que faz com que a comunicação se torne mais complexa, mais difícil, pois a comunicabilidade impõe a questão da relação, ou seja, a questão do outro (WOLTON, 2010, p. 11). Desta forma, informação e comunicação subsistem com uma relação de interdependência, pois uma necessita da outra e ambas se complementam.

A informação e a comunicação são o cerne da modernidade, mas vale ressaltar que não há informação sem um projeto de comunicação. Assim, comunicar-se 'bem', torna-se um desafio, tanto para as mídias de massa quanto para as novas tecnologias, embora observado que no processo comunicativo o essencial não é a tecnologia, e sim a necessidade de pensar a comunicação. Nas palavras de Wolton "Quanto às tecnologias, da televisão à informática, elas desempenham, desde muito tempo, um papel essencial na emancipação individual e coletiva, sendo onipresentes em nossas vidas". (WOLTON, 2010, p.12).

Com objetivo de mostrar uma visão geral e contundente de Wolton, refletir sobre seus questionamentos, bem como suscitar, no leitor, algumas reflexões, optamos por fazer um levantamento sinóptico acerca do que consideramos principais tópicos abordados em obras do referido autor, em especial, o livro: "Internet e depois? Uma teoria Crítica das Novas Mídias?". Para isso, destacamos alguns pontos que nos remeterão a uma visão mais ampla dos questionamentos levantados pelo autor, a saber: a comunicação e a modernidade, fundamentação teórica da comunicação e por fim, algumas reflexões acerca da comunicação na perspectiva humanista.

A COMUNICAÇÃO NO CORAÇÃO DA MODERNIDADE

Falar em modernidade e, especial, relacionando-a a comunicação, nos remete, sem dúvida alguma, a pensar em evolução e, conseqüentemente, pensar em evolução é compreender que evolução está associada às mudanças que conduzem ao progresso. É notório o ritmo com que se desenvolve a evolução científica e tecnológica, e observa-se que o progresso, de forma geral, torna-se cada vez mais visível a partir do século XX.

A partir de então, resume-se este momento, em uma era em que a humanidade caminha a passos largos em busca de conquistar novos conhecimentos e, como processo natural da teoria evolutiva, o sistema de comunicação tecnológica - da invenção do telefone à informatização – vem avançado, porém de forma avassaladora e bem célere, o que nos permiti dizer que pensar o mundo atual sem a informatização, ou seja, sem as 'novas tecnologias', é sem dúvida, uma regressão ao tempo, pois, o surgimento dos meios de comunicação de massa, veio para ficar, não dá mais para se pensar no mundo, sem todo esse aparato tecnológico que, como observamos e vivenciamos, evolui o tempo todo.

A grande diferença entre a comunicação da imprensa e a comunicação da era tecnológica, também denominada era digital é estabelecida por meio do aparato tecnológico que é capaz de transmitir som e imagem, atingindo mais rapidamente os meios sociais

e culturais e seus diferentes públicos. Assim, a comunicação - cerne da modernidade - é símbolo da sociedade de hoje e estrutura-se em um tripé formado pela sociedade de consumo, democracia de massa e mídias de massa. (WOLTON, 2007).

Segundo Wolton, pouco se tem pensado a respeito da quantidade e das massas, ele assevera a primordialidade de incluir a questão das novas tecnologias em uma teoria geral da comunicação e dos meios de comunicação de massa, para que se seja compreendido seus limites e interesses.

Nesse contexto, a sociedade passa a ser chamada de sociedade da informação ou de comunicação; as mudanças técnicas, ou estruturação de novo mercado, não significam uma ruptura na economia geral da comunicação; o modismo e as revoluções – características da submissão ao que surge, ao novo - provocam uma crença cega nas tecnologias e no mercado, desencadeando assim, devido à proliferação das tecnologias de comunicação, uma certeza de que tudo vai mudar, cada vez mais, na comunicação humana, nas diferentes esferas: familiar, laboral, ou seja, no trabalho, no lazer e na política. Um outro ponto importante para Wolton refere-se à comunicação como um valor de emancipação no âmago da cultura ocidental.

Este estudo também, de forma bem sucinta, traz à baila algumas possíveis causas da resistência ao entendimento teórico da comunicação, dentre elas destacam-se: o mito da onipotência e da manipulação; dificuldade de análise; vontade de saber; onipresença da tecnologia em todos ou quase todos os atos da vida cotidiana; meios intelectuais; dificuldade teórica; objeto do saber; fraca demanda de conhecimento; amplitude do movimento; o público faz por si próprio sua opinião. Ainda, sinaliza parte das características da comunicação, a saber: legitimidade cultural e intelectual; as práticas dentre elas as inovações técnicas e os modismos; o essencial da comunicação está na necessidade de pensar a comunicação e, para se pensar em comunicação faz-se necessário, em primeiro momento, entender a fundamentação teórica da comunicação, de acordo com Wolton.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA COMUNICAÇÃO

Wolton fundamenta seu estudo na teoria da comunicação humanista, enfatizando que os aspectos sociais devem ultrapassar o paradigma tecnológico. O autor estrutura a teoria da comunicação, por ele defendida, em cinco etapas, mas vale ressaltar que tal teoria diz respeito tanto à comunicação entre humanos quanto à comunicação mediada pelas tecnologias, “a comunicação é o eixo da relação social” (GOMES, 2004, p. 55).

Assim, na primeira etapa o autor assegura que a comunicação é inerente à condição humana, ou seja, todo ser humano tem necessidade nata de se comunicar, tanto na escala individual quanto na coletiva, portanto, é irrefutável a assertiva de Bronckart (1999); que diz que a interação social é fator essencial na constituição da ação humana; na segunda etapa Wolton sinaliza três razões pelas quais o ser humano sente desejo de comunicar-se,

a saber: desejo de compartilhar, de convencer e de seduzir; na terceira etapa o autor nos remete a pensar em um provável erro na comunicação, “o receptor não está sintonizado ou discorda”, o que para o autor é denominado de “a comunicação esbarra na incomunicação”; a quarta etapa é a fase de negociação em que os indivíduos tentam chegar a um acordo; a quinta e última etapa chamada de “convivência” é o resultado positivo da negociação.

As etapas quatro e cinco - negociação e a convivência – juntam-se a fim de evitar a incomunicação e suas consequências. Apesar de essa teoria mostrar-se aparentemente modesta, é notório e inegável que tanto o indivíduo quanto à sociedade não pode escapar à comunicação (WOLTON, 2010, p. 20). Neste contexto, observa-se que parte significativa da humanidade vê na sociedade da era digital, em que as tecnológicas avançam acirradamente, uma ‘sociedade da comunicação’ na qual a maior parte das aflições do homem será resolvida, mas sobre isso Wolton se contrapõe, afirmando que não tem como o avanço tecnológico funcionar como carro-chefe na superação das mazelas sociais.

REFLEXÕES ACERCA DA COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA HUMANISTA

Sem dúvida, as percepções de Wolton acerca da comunicação sob as perspectivas humanistas nos remetem a reflexões e discussões que nos levam ao vislumbre de um avanço, tão significativa na liberdade de comunicação, a ponto de contribuir, em grande medida, para uma luta em favor da valorização da democratização das relações sociais. Como a comunicação está permeada por dimensões teóricas, científicas, políticas e culturais, podemos reconhecê-la como campo fundamental da vida humana, ou seja, a comunicação entretetece, de maneira inseparável: o homem, as ideias, as técnicas, os interesses e os valores de cada tempo.

A comunicação é um aspecto fundamental da emancipação humana rumo aos modos sociais mais democráticos. E, a liberdade de lidar com a informação por meio da expansão das possibilidades comunicativas, certamente, trará novas perspectivas para as interlocuções sociais diversas. As mídias, nesse contexto, devem ser (re)pensadas tendo como diretrizes os sentidos dos fluxos sociais, pois em uma sociedade em que a informação e a comunicação são onipresentes, a busca por proximidade entre comunicação e informação, não deve priorizar a aproximação entre os indivíduos ou entre os grupos sociais, mas sim, deve buscar estabelecer formas que proporcionem o equilíbrio entre suas diferenças e as alteridades presentes nas relações homem-homem, homem-coletividade e coletividade-coletividade. Vale ressaltar, aqui, a significância dada ao termo Sociedade de Informação.

A supra sociedade deve ter o compromisso e a obrigatoriedade de enfatizar o papel da informação no contexto social, ou seja, agir diretamente na sociedade e, a informação deve ser vista em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos e de ciência, algo que denota extrema fundamentabilidade a todas as sociedades, em outras

palavras isso quer dizer que, no geral, a informação deve impulsionar a uma infraestrutura intelectual (CASTELLES 1999, p. 65).

Entretanto, percorrer o caminho de aproximação com as mídias parece requerer além da compreensão do estatuto da comunicação, outros estudos e questionamentos que nos permitam vislumbrar uma perspectiva técnica sobre as mídias, nos possibilitando, talvez, separar questões essenciais de problemas infundados. Não há como negar que a necessidade de se levar tudo isso em conta, tem que se fazer presente, principalmente, nesta sociedade - a Sociedade da Informação – ambiente onde as mudanças acontecem em grande volume e de forma celerada e contínua.

Neste contexto, parece interessante (re)pensar as mídias sob a perspectiva de compreensão e aceitação numa antevisão que seja também pautada em reflexões teóricas acerca da comunicação, o que poderá promover a ampliação do foco, que hoje parece predominar nas dimensões políticas e comerciais. O ato de pensar as mídias deve transcender essas dimensões, que de modo algum correspondem a uma representação da sociedade como um todo.

A comunicação combina tanto a luta pelos ideais de liberdade e a democracia quanto os interesses e os benefícios de uma lógica comercial, principalmente com as novas tecnologias. O interesse investigativo da comunicação reside, justamente, na mescla dessas dimensões. (MONTARDO, 2002, p. 117).

Conhecer a comunicação (atrelada à tecnologia da informação) depende, também, de uma refinada base pautada na teoria sociológica, em que a expansão do pensar possa direcionar o olhar para outros campos e dimensões com vista à “penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana” (CASTELLES, 1999, p. 24).

Embora, parte dos indivíduos use, erroneamente, o senso comum para se ‘taxarem’ de apolíticos, sabe-se que a humanidade sempre precisou e precisa de limites, de regras, de acordos para desenvolver o autodomínio para poder viver e conviver em sociedade, isso tudo corresponde a atitudes políticas. Assim, reflexões sobre as mídias, também precisam estar imbuídas em um caráter político, pois a atuação humana no mundo é eminentemente política. Todavia, esse caráter político tem que estar associado ao respeito e aceitação da importância de permear a discussão sobre as questões da comunicação por meio de debates de fundo teórico e culturais e, nestes debates devem ser aceitas as contradições próprias dessa discussão.

Ainda se torna parte significativa nesta discussão, refletirmos que não seja coerente pensar os sujeitos sociais diversos como seres apolíticos e/ou acríticos, referindo-se, aqui, em especial, às questões relacionadas às mídias.

Ora, os sujeitos que como membros de um Estado gozam de direitos civis e políticos por este garantido, e desempenham os deveres que nesta condição lhe são atribuídos, assegurado seu direito de cidadão, são capazes de certa análise crítica de seus contextos políticos, identificando os aspectos negativos e positivos das relações políticas diversas.

Diante dessa conjectura, entende-se que esses sujeitos também são capazes de se situar criticamente em relação à informação e às mídias que suportam os processos de linguagem nessa comunicação.

Em face da tessitura de conjecturas tão significativas sobre formas de comunicação configura-se imprescindível incluir nesse estudo as três lógicas das quais a comunicação se ocupa, a saber: a lógica do receptor, do emissor e da mensagem. E não é simplesmente isso, essas lógicas têm de ser abordadas levando em consideração suas dicotomias, contradições e o novo contexto comunicacional emergido em face às novas formas de comunicação.

A respeito disso, Marco Silva (2003) afirma que se trata de verificar o que muda no estatuto do receptor e o que muda quando a mensagem muda de natureza e o emissor muda de papel, ressaltando que toda mudança traz seus prós, seus contras e suas consequências. Conquanto, essa mudança nas formas de comunicação traz severas implicações paradigmáticas na teoria da comunicação. Até então, um conteúdo informacional era considerado uno e indivisível, pois se fundamentava apenas na emissão e na transmissão – sem tantas ou quase nenhuma interferência e/ou distorção, diferentemente do novo contexto mundial em que as novas e sofisticadas tecnologias da comunicação se apresentam, tornando perceptível o caráter de multiplicidade e complexidade que envolvem emissor, mensagem e receptor, o que, segundo Marco Silva (2003), implica delinear a informação como manipulável.

O autor ora citado também enfatiza que tal mudança supõe redefinição de estratégias de organização e funcionamento da mídia de massa e de todos os agentes envolvidos no processo de comunicação. Acredita-se então que as mídias sociais, impulsionadas, principalmente, pelo célere avanço tecnológico, não mudam a lógica da comunicação, mas sim, as suas consequências. Vivenciamos a era da democratização e, conseqüentemente, a aceleração do processo comunicativo, em que a significativa mudança ocorre na abrangência por diferentes vias e canais: de um para um, de um para muitos etc.

Outro ponto significativo para as reflexões suscitadas neste ensaio é permear as análises sobre as mídias por meio da ideologia de que a essência da compreensão da comunicação não reside somente na observação da tecnologia, mas reside também, no que os atores sociais fazem com essa tecnologia e como ela impacta as dimensões políticas, sociais, econômicas, cognitivas e culturais de nossa sociedade.

Pensar numa teoria da comunicação significa, antes de tudo, “destecnologizar” a questão da comunicação, trazendo de volta a história, a política e a cultura. É reconhecer a importância das sociedades por trás dos sistemas tecnológicos.” (WOLTON, 2010, p. 89).

ENTRELAÇANDO OS FIOS: UMA MISCELÂNEA NECESSÁRIA

Refletir sobre informação, comunicação enfim, pensar sobre todo este vasto compêndio midiático e tecnológico carece também de adentrar em questões relacionadas às esferas da existência humana, que são os domínios: econômico, político e simbólico, o que parece não se distanciar dos interesses da sociedade contemporânea.

Embora, muitos enfatizem que a atualidade se estrutura numa sociedade meramente materialista, partindo deste ponto de visão, questiona-se: será que sempre não foi assim? Só que em outro contexto sócio-histórico e social? Quem sabe em um contexto em que o “materialismo era, talvez, menos voltado ao consumismo?”

Reflitamos sobre isso:

A produção de idéias, de representações da consciência, está de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como na linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas (MARX & ENGELS, 1989, p. 35).

Compreender as articulações entre a econômica, a política e a cultura é algo imprescindível ao entendimento no que tange à estruturação das relações sociais, que sem dúvida, se estabelecem a partir da informação e da comunicação.

Não é novidade que a informação, para o indivíduo, sempre foi e sempre será mediada pela linguagem, que é construída intersubjetivamente, mas que também conta com a mediação tecnológica. Também não é novidade que a sociedade contemporânea vive processos de aceleradas mudanças e rápidas transformações devido à ascensão tecnológica que parece ser o símbolo dessa nova era.

Consoante o pensamento de Wolton, nesse novo cenário, nota-se uma sociedade de consumo, onde se inscreve uma democracia de massa cujas relações comunicacionais são ‘quase’ que predominantemente operacionalizadas pelas mídias de massa.

É falso pensar que basta informar sempre mais para comunicar, pois a onipresença da informação torna a comunicação ainda mais difícil. [...]. O resultado é imprevisível. O problema não é mais somente o da informação, mas antes de tudo o das condições necessárias para que milhões de indivíduos se comuniquem ou, melhor, consigam conviver num mundo onde cada um vê tudo e sabe tudo, mas as incontáveis diferenças – lingüísticas, filosóficas, políticas, culturais e religiosas – tornam ainda mais difíceis a comunicação e a tolerância. A informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa. (WOLTON, 2010, p. 12).

A informação é a mensagem e a mensagem necessita de ser comunicada. A

suportabilidade midiática, no sentido etimológico, refere-se a uma visão lógica de algo que dar suporte, que carrega, logo, trazendo isto para nosso tema em questão, o aparato tecnológico teria a função de receber a informação e fazer as devidas pontes no sentido de comunicá-la aos indivíduos, vê-se então a importância da informação. Mas em tese, essa arguição parece estabelecer limites que nos levam ao pensamento reducionista de que a comunicação está completamente contida em suas tecnologias e à mercê dela, de tal modo que o sentido norteador da reflexão passa a ser as tecnologias.

No entanto, o foco dessa discussão não deve ser a tecnologia e suas tecnicidades, mas sim, a variedade de formas, conteúdos e filosofias presentes nos processos comunicacionais que são mediados pela tecnologia. Dessa forma, o cerne da discussão conduziria a uma prática analítica sob perspectivas de compreensão da importância da cidadania e das subjetividades humanas nos processos midiáticos. "... na comunicação, o mais simples tem a ver com as tecnologias e mensagens, enquanto o mais complicado tem a ver com os homens e as sociedades". (WOLTON, 2010, p. 12- 13).

O contexto atual nos impele a pensar que os meios comunicativos tenham como objetivo maior, a articulação e a integração, numa extraordinária tessitura com homem e sociedade, homem aqui, no sentido mais lato. Essa leitura antropossociológica, a fortiori, projeta o pensar as mídias com a intenção de contribuir para a evolução e emancipação humana que estão vitalmente intrincados aos preceitos da democracia e liberdade de expressão, fatores essenciais que devem estar, de fato, presentes no estatuto da comunicação.

Dando uma pausa nas nossas reflexões, mas pretensões futuras, parafraseamos Wolton que analisa a comunicação como ideal de expressão da sociedade, pressupõe a existência de indivíduos livres e iguais e assevera que "a comunicação compreende um conjunto de valores, símbolos e representações que organizam o espaço público". (WOLTON, 2007, p. 206).

REFERÊNCIAS

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. GOMEZ, Margarita Victoria. *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004. – (Guia da escola cidadã; v. 11). MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. 7. Ed. São Paulo: Hucitec, 1989. MONTARDO, S. *Uma teoria crítica dos novos meios de comunicação*. Ensaio acadêmico. Revista FAMECOS: Porto Alegre. Nº18, agosto 2002.

WOLTON, Dominique. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010. _____ Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas tecnologias. Porto Alegre: Editora Sulina – 2ª edição, 2007.

Documento eletrônico

SILVA, Marco. *Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da comunicação*. Boletim Técnico do Senac: A Revista da Educação Profissional v. 26 n. 3: Setembro/Dezembro 2000. Disponível em <<https://www.bts.senac.br/bts/article/view/822>>: Acesso em 26 de nov. 2023.